

MENOS PRECONCEITO É MAIS SAÚDE: conexão entre a ciência e o cotidiano.

Desejamos que esse boletim seja seu encontro bimestral com a Ciência, por meio da Divulgação Científica (DC) de temas da saúde da população LGBTQIAPN+. A DC busca popularizar o conhecimento científico, divulgando estudos e pesquisas para que os leitores possam conhecer e entender as implicações de seus resultados, tanto em seu contexto pessoal quanto no ambiente social.



Caro leitor,

Neste mês temos um convite especial: tire um tempinho e mergulhe fundo no universo diverso da sigla LGBTQIAPN+. Vivencie, nessa imersão, as variadas orientações sexuais e identidades de gênero que existem... Experimente as muitas perguntas e impressões imprecisas que possam surgir. São muitas letras? Será que isso é “mimimi”? Será que não se passa de uma grande frescura? Por que no dia 28 de junho é celebrada, com orgulho, toda uma comunidade de pessoas cujas orientações sexuais ou identidades de gênero não pertencem ao modelo normativo imposto pela sociedade? O que representa a Parada LGBT? É isso: o convite está feito! E que o tempo dedicado à leitura deste boletim possa contribuir com a construção de uma realidade de menos preconceito, de menos homofobia e de mais liberdade para todos os corpos!

VERBETE: LGBTQIAPN+

A sigla LGBT é utilizada para se referir a qualquer pessoa que não seja heterossexual ou cisgênero, e tem como principal objetivo promover a diversidade com base nas questões de identidade sexual e gênero. Desde meados dos 1990, a sigla LGBT vem sendo usada. Ela é uma adaptação mais inclusiva da diversidade decorrente da sigla anterior, LGB, a qual, por sua vez, surgiu em substituição ao termo “gay”, que fazia referência a essa comunidade durante os anos 1980.

Mas, se estamos falando de diversidade, que tal incluir e potencializar as existências plurais ainda mais? Eis o exercício:

LGBTQ – adicionando a letra Q, para aquelas pessoas que se identificam como queer;

LGBTQI – adicionando a letra I, para incluir as pessoas que se identificam como intersexuais;

LGBTQIA – adicionando a letra A como forma de incluir os assexuais, e os aromânticos;

LGBTQIAPN – adicionando as letras P e N, para incluir pansexuais, polissexuais e pessoas não-binárias;

LGBTQIAPN+ – adicionando o sinal de “+”, enfim, procura-se atender e representar quaisquer outras existências que não se sintam incluídas em nenhuma das outras identidades cobertas pelas letras da sigla.

VAMOS LER E REFLETIR

28 de junho, orgulho de quê?

Convidamos o nosso colaborador Caio Pedra para nos dizer um pouco sobre o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+, celebrado no dia 28 de junho.

O dia 28 de junho é conhecido como o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+. Nessa data, uma série de eventos acontecem ao redor de todo o mundo celebrando e reforçando as lutas e resistências da comunidade. Mas você já ouviu sobre a história desse dia?

A escolha da data tem um significado muito especial. Ela marca o dia da conhecida “revolta de Stonewall”, que é considerada o marco zero da luta pelos direitos e pela afirmação da população LGBTQIAPN+. Em 28 de junho de 1969, um bar chamado Stonewall Inn, que era muito frequentado (e é até hoje) por gays, lésbicas, transexuais e drag queens, foi surpreendido por uma batida da polícia de Nova York

Na verdade, nem dá pra chamar de “surpresa” essa batida; afinal, a polícia “batia” lá todo dia. Nova York, nessa época, tinha leis que proibiam as pessoas de usar roupas de gênero diferente daquele expresso pelo sexo atribuído ao nascer e que regulavam até a venda de bebidas por alguns bares, pra poder fechar points LGBTs. A surpresa, na verdade, foi outra. Nesse dia, os frequentadores do Stonewall enfrentaram a polícia e os moradores do bairro ajudaram nesse confronto, fechando as portas do bar e deixando a polícia encerralada.

Com os frequentadores do local resistindo à prisão e a população fechando a rua em protesto contra a perseguição policial, a tropa de choque foi acionada e o lugar se tornou uma verdadeira praça de guerra, com confrontos que chegaram a durar vários dias!

Uma curiosidade interessante é que esse bar ficava num bairro bem popular entre as pessoas LGBT, o chamado Greenwich Village. E dizem que vem daí o nome da banda Village People, que consagrou nas pistas de dança de todo o mundo clássicos como Macho Man e YMCA. Outra curiosidade é que a “revolta de Stonewall” teve, entre suas lideranças, duas mulheres trans: Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera. Apesar de mais invisibilizadas até no próprio movimento LGBT, as mulheres trans são parte dessa história e estão na luta desde o marco zero do movimento.

Assim, um ano após o dia 28 de junho de 1969, começaram a acontecer as primeiras Paradas do Orgulho LGBT pelo mundo, em comemoração e honra a esse acontecimento. As Paradas se espalharam por vários países e a de São Paulo chegou a entrar pro Guinness Book como a maior do mundo – o que durou pouco, sendo retirada desse registro porque, “pra variar”, houve inconsistência entre os dados dos organizadores e os divulgados pela polícia.

Datas como essa são muito importantes, ainda mais em um contexto em que, em alguns países, até os dias de hoje é considerado crime ser LGBT. Há aqueles que têm, inclusive, previsão de pena de morte e especificações de mortes violentas contra as pessoas condenadas por esse “crime”, como ser atirado do alto de um prédio. O Brasil é, hoje, o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Além disso, somos o país que mais viola direitos humanos de pessoas LGBT. Os dados variam, mas apontam, em média, uma morte a cada 20 horas com motivação na LGBTfobia.

Nesse contexto, a escolha pela palavra “orgulho” para o 28 de junho foi em resposta à ampla utilização histórica da palavra vergonha, usada ao longo dos anos para controlar e reprimir indivíduos LGBTQIAPN+. Por essas e outras, é tão importante que uma data como essa celebre o ORGULHO que nós, pessoas LGBTQIAPN+, sentimos por sermos exatamente quem somos. É por meio do orgulho que cada indivíduo e cada grupo pode se afirmar e se reconhecer!

O Dia do Orgulho LGBTQIAPN+, então, apresenta-se como uma oportunidade anual para relembrar todas as pessoas de orientação sexual ou identidade de gênero divergente dos padrões impostos pela heterocisnORMATIVIDADE que não há motivo nenhum para sentir vergonha. O motivo é todo de orgulho!



ENTRE VIDAS, ENTRE VISTAS

Entrevista com Rodrigo Gosling, ativista de diversidade e inclusão.

C- Boa tarde, Rodrigo. Muito bom ter você aqui com a gente! Você poderia se apresentar?

R - Sou ativista de diversidade e inclusão; tenho quase 10 anos atuando no ativismo. Hoje em dia atuo mais como ativista digital, mas já estive bem no ‘front’ mesmo. Eu sou ex-atleta e ex-integrante da gestão do Bharbixas Esporte Clube, primeiro time poliesportivo LGBTQIAPN+ de Minas Gerais. Depois disso, continuei atuando junto ao Cellos em alguns cursos e eventos. Atualmente, sou analista de dados em Blip e integro grupos internos de diversidade.

C- Gostaria que comentasse um pouco mais sobre o Bharbixas Esporte Clube:

R - É o primeiro time de LGBTQIAPN+ de Minas Gerais e a porta de entrada para que as pessoas que sempre foram excluídas do esporte pudessem participar e fazer parte desse espaço de convívio, sempre negado para elas. Temos alguns casos interessantes desse projeto, mas acho que o caso mais relevante é o da Nicole Rose, que é uma jogadora trans. Antes da transição, ela fazia parte do Bharbixas: foi onde ela se reencontrou e entendeu que poderia voltar a jogar. Hoje a Nicole integra a equipe profissional feminina do Clube Nacional de Minas Gerais, jogou no campeonato mineiro e nacional por esse time.

Temos também outras histórias bem legais, são histórias de superação, principalmente, de traumas em relação ao esporte. Eu fiz parte do Bharbixas como atleta e também trabalhei na gestão do grupo durante 5 anos. Foi muito legal acompanhar essas histórias de conquistas durante o período em que estive lá. Em 2018, fui um dos responsáveis por um jogo histórico no Mineirão entre pessoas LGBT. Foi o primeiro e único jogo entre pessoas LGBT em um estádio de Copa do Mundo no Brasil. Acredito também que tenha sido a primeira e única vez que uma mulher lésbica conduziu um time masculino em um estádio de Copa do Mundo. Depois do jogo, fizemos uma festa de 12 horas de duração.

C- Qual o significado do mês do Orgulho LGBT para você?

R - O mês do Orgulho LGBTQIA+ é importantíssimo, não só para mim, mas para toda a comunidade, porque é quando somos lembrados pelo governo e por todo mundo, pelas nossas marcas ou ações.

Durante os outros 11 meses do ano somos sempre esquecidos e sempre atacados. Temos sofrido perda de direitos (ou tentativas de perda de direitos). O tempo inteiro, as bancadas conservadoras do Congresso e as Igrejas estão nos atacando, e o Brasil continua pelo 15º ano sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. Então, esse é o mês de celebrar, de celebrar que estamos vivos, celebrar que estamos resistindo e que estamos às ‘duras penas’ conquistando aos poucos os direitos que temos. É um mês de muito orgulho mesmo! Um mês de se lembrar tudo o que as pessoas antes da gente fizeram para chegarmos até aqui. É um mês de história também. É muito legal o mês de junho ser um mês em que a gente sempre retorna à história; lembramos como tudo começou e como tudo anda; celebramos as pessoas que passaram antes da gente que são ou eram muito importantes na luta pela conquista de direitos e para garantir o lugar onde estamos, e vivos!

C- E qual a importância da Parada LGBTQIAPN+?

R - Eu tenho um carinho muito especial pela Parada do Orgulho. Eu vou falar da sua importância geral e como ela me afeta. Acredito que ocupar as ruas é importantíssimo, mostrar que a gente existe, que não somos só número, um demônio, alguma coisa que as Igrejas demonizam e o Congresso demoniza, que a gente é a gente mesmo, de carne e osso, temos desejos e sentimentos. Então, ir para rua e mostrar que existimos é importantíssimo, que estamos em grande número. As Paradas estão cada vez com mais pessoas, mais gente tendo coragem de se mostrar. Nas primeiras Paradas, principalmente, aqui em BH, as pessoas iam fantasiadas porque tinham medo de represálias. Então, hoje em dia isso não acontece tanto. As pessoas vão felizes e tranquilas e ocupam a rua, que é o nosso espaço, para mostrar que a gente existe, que estamos vivos e que precisamos de direitos. A Parada me afeta num ponto que é muito sensível. Eu frequento Paradas desde 2004, então essa Parada de BH que vai acontecer em julho será a minha 20ª Parada em 25 edições que aconteceram. Além de todas as coisas que falei anteriormente, a Parada é um momento em que consigo ver o quanto as pessoas estão felizes e orgulhosas de serem quem elas são, como elas se encontram como uma comunidade e, mais do que isso, ver pessoas que são marginalizadas em nossa sociedade, principalmente, pessoas trans, travestis, negras, que estão em situação de prostituição, saindo na rua à luz do dia para comemorar e celebrar aquele momento, para ser feliz talvez um dia no ano... isso é uma coisa que me deixa muito emocionado. Então, eu adoro Parada, adoro estar na rua, adoro o clima de festa... mas ver que tem pessoas que estão ali, celebrando, talvez uma única vez no ano, é o que mais me emociona.

C- Como você avalia a questão da empregabilidade para a populaçãoLGBTQIAPN+? Quais são os principais desafios e avanços?

R - A empregabilidade é um assunto muito sensível. Eu, como um homem branco de classe média, tenho muito mais acessos, ainda que seja gay, do que uma mulher preta, pobre e lésbica. E ela tem também muito mais acessos que uma mulher trans, uma travesti preta e pobre. Então, ainda falhamos muito em discutir e gerar oportunidades para essas pessoas que têm muitas negações na vida. As pessoas trans são negadas a frequentar a escola, são negadas a frequentar a faculdade e são negadas no mercado de trabalho... e, quando conseguem algo, são subempregos. A maioria dessas pessoas está em situação de prostituição porque não conseguem outras formas de trabalho e de renda. É muito triste não ver nenhuma mudança em relação a isso.

Discute-se muito se a pessoa trans pode ou não usar o banheiro [correspondente ao da sua identidade de gênero], que é uma discussão muito rasa e acaba excluindo as pessoas dos lugares. Se você vai para a escola e não pode usar o banheiro do gênero pelo que você se identifica, como você passa 4 ou 5 horas na escola sem poder ir ao banheiro? Isso é mais uma forma de excluir as pessoas.

O mercado de trabalho é duríssimo... Se você não tem acesso à educação ou formação universitária, você não consegue concorrer para as melhores oportunidades. Mas encontramos um homem branco, com muitos privilégios e acessos, em cargos altos e em multinacionais. Vejo uma pequena melhora em relação à contratação de pessoas trans e travestis em supermercados e em outros estabelecimentos comerciais aqui em BH. Eu como uma pessoa que trabalha no mercado de tecnologia não tenho nenhum problema. A minha chefe direta é uma mulher negra e lésbica, não temos problemas com a nossa sexualidade. Temos também na empresa um gerente que é um homem trans, mas são exceções, são pessoas que tiveram privilégios e acessos na infância e adolescência. O mercado de trabalho ainda é muito duro com essa população.

FIQUE POR DENTRO

Como já vimos neste Boletim, as Paradas LGBTQUIAPN+ possuem uma importância histórica inegável para essa população. Esse espaço, que é tanto de festa quanto de protesto, toma as ruas das cidades do mundo todo, construindo um ambiente democrático em que é possível expor as demandas da população LGBTQUIAPN+, em que é viabilizado ocupar a cidade, tornando visíveis os corpos que constroem essa sigla, e colocar em evidência importantes vozes do movimento.

Este ano, no dia 21 de junho, teremos a 25^a Parada do Orgulho LGBTQUIAPN+ de Belo Horizonte, organizada pelo CELLOS/MG. Mas essa é só uma das muitas ações que formam o calendário do mês do Orgulho. Daremos a largada às atividades neste dia 25 de maio, com a 1^a Parada Negra LGBTQUIAPN+ de Belo Horizonte, organizada pela Rede Afro LGBT Minas.



Legenda: 24^a edição da parada do Orgulho LGBTQUIAP+ – Praça da Estação

Foto: Divulgação

ACONTECEU, A GENTE COMENTA

O Pint of Science Brasil é uma iniciativa que busca aproximar a ciência da sociedade, de forma descontraída e acessível. O festival reúne pesquisadores e especialistas em bares e restaurantes para discutir temas relevantes em diversas áreas do conhecimento. O evento acontece anualmente em diversas cidades do Brasil e é parte do Festival Pint of Science, que ocorre simultaneamente em mais de 25 países. O festival foi criado em 2012, na Inglaterra, e chegou ao Brasil em 2015. Desde então, o festival vem crescendo e ganhando destaque em todo o país.

Em Belo Horizonte o evento aconteceu nos dias 13, 14 e 15 de maio no MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal. A edição deste ano foi um momento especial para refletir e conhecer o trabalho de pesquisadoras e pesquisadores da comunidade LGBTQIAPN+, além de pesquisadores que constroem conhecimento sobre a temática da diversidade sexual e de gênero em diversos campos do conhecimento. A Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP/MG) apoiou o evento e a equipe do projeto “Menos Preconceito é Mais Saúde: Divulgação Científica da Saúde da População LGBT” esteve presente nessas três noites de diversão e debates sobre ciência e diversidade. Quer conhecer mais sobre o evento? Acesse a sua [página](#) e fique ligado que a edição de 2025 já tem data para acontecer! Esperamos você nos dias 19, 20 e 21 de maio do ano que vem!



Performance da drag queen Scarlett A'Hara em noite de abertura do evento Pint of Science em Belo Horizonte, 13 de maio de 2024

Foto: Enrico Poletti - equipe do Projeto Menos Preconceito é Mais Saúde

Nota de falecimento

O dia 21 de maio de 2024 será marcado por um fato triste: morreu, aos 45 anos, Eliseu Neto, psicanalista e notável ativista pelos direitos LGBTQIAPN+. Entre seus feitos pelas causas da comunidade, Eliseu foi o líder na Ação junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) que criminalizou a homofobia no país, equiparando-a ao crime de racismo, bem como foi um incansável defensor pelo direito de doação de sangue pelos homossexuais no Brasil.

Ficha Técnica:

Produção de conteúdo e redação: Caio Pedra (Prefeitura de Belo Horizonte - PBH), Cláudia Beatriz Machado Monteiro de Lima Nicácio (FJP), Enrico Martins Poletti Jorge (Bolsista Fapemig), e Maria José Nogueira (ESP/MG).

Revisão: Bruno Reis de Oliveira (ESP-MG)

Realização



Parceria



Apoio



Este boletim é uma realização do projeto "Menos Preconceito, é mais saúde: divulgação científica da população LGBT", financiado com recursos da FAPEMIG .